

Desastres Sociopolítico-Ambientais: Relato de Experiência Sobre a Atuação em Psicologia

Socio-Political-Environmental Disasters:
Experience Report on Psychology Voluntary Work

Desastres Sociopolítico-Ambientales:
Informe de Experiencia sobre la Actuación Voluntaria en Psicología

Gabriel Alves Godoi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo

Este relato de experiência aborda a atuação voluntária no ponto de resgate do Viaduto João Utzig durante o desastre sociopolítico-ambiental ocorrido no Rio Grande do Sul em 2024. A metodologia fundamenta-se na fabulação crítica, conforme Hartman (2021), aliada à conversação, de bell hooks (2020), e ao conceito de episódio (Kilomba, 2020). O estudo narra as vivências no resgate, enfatizando os impactos psicológicos nos voluntários e nas vítimas, bem como as dificuldades enfrentadas devido à ausência de suporte governamental adequado. A intersecção entre questões socioambientais e políticas é explorada para demonstrar como a negligência institucional e as mudanças climáticas contribuíram para a catástrofe. O relato, entrelaçado por diários de campo, propõe um novo olhar sobre a experiência do voluntariado e os desafios da psicologia em cenários de crise, evidenciando a importância de estratégias de cuidado e suporte emocional diante de desastres sociopolítico-ambientais.

Palavras-Chave: Psicologia, emergências e desastres, voluntariado, desastres sociopolítico-ambientais, saúde mental.

Abstract

This experience report addresses voluntary work at the João Utzig Viaduct rescue point, during the socio-political-environmental disaster in Rio Grande do Sul in 2024. The methodology is based on critical fabulation, according to Hartman (2021), combined with bell hook 's (2020) conversation and the concept of Episode (2020). This study narrates the rescue experiences, emphasizing the psychological impact on volunteers and victims as well as the difficulties caused by the absence of adequate governmental support. The intersection between environmental questions and political questions is explored to demonstrate how the institutional negligence and the climate changes contributed to the catastrophe. This report, entangled by field diaries, proposes a new look over the volunteer experience and challenges

to psychology in crisis scenarios, showing the importance of care strategies and emotional support in face of socio-political-environmental disasters.

Keywords: Psychology, emergencies and disasters, volunteer, socio-political-environmental disasters.

Resumen

Este relato de experiencia aborda la actuación voluntaria en el punto de rescate del Viaduto João Utzig, durante el desastre sociopolítico-ambiental ocurrido en Rio Grande do Sul en 2024. La metodología queda basada en la fabulación crítica, conforme Hartman (2021), aliada a la conversación, de bell hooks (2020) y al concepto de episodio (Kilomba, 2020). El estudio narra las vivencias del rescate, enfatizando los impactos psicológicos en los voluntarios y en las víctimas, así como las dificultades enfrentadas debido a la ausencia del soporte gubernamental adecuado. La intersección entre cuestiones socioambientales y políticas es explorada para demostrar cómo la negligencia institucional y los cambios climáticos contribuyeron para la catástrofe. El relato, entrelazado por diarios del campo, propone una nueva mirada sobre la experiencia del voluntariado y los desafíos de la Psicología en escenarios de crisis, evidenciando la importancia de estratégias de cuidado y soporte emocional ante a los desastres sociopolítico-ambientales.

Palabras clave: Psicología, emergencias y desastres, voluntariado, desastres sociopolítico-ambientales, salud mental.

Introdução

Entre maio e junho de 2024, um grande volume de chuvas causou o maior desastre natural da história do Rio Grande do Sul. As águas, mobilizadas pelo costumeiro vento que vem do Polo Sul, arrastando uma frente fria que encontra o clima quente do verão mais ao norte, costumam formar uma série de chuvas no Brasil durante o primeiro trimestre — são “as águas de março fechando o verão”. Mas, em 2024, elas não vieram em março.

Segundo os serviços de meteorologia, o motivo parece ter sido o

intenso calor que se espalhou pela América Latina e, principalmente, pelo Brasil. Um calor tão extremo que a própria umidade do ar desapareceu, transformando 2024 em um dos anos mais secos da história e 2023 em um período marcado pela perda de safras devido à seca.

É inevitável pensar na relação já descrita entre o plantio de soja e as alterações climáticas no planeta. Muitos autores também apontam a ligação da seca com a expansão da criação de gado, o cultivo do fumo e, ainda mais, com o desmatamento das matas nativas — tanto da Mata Atlântica, que protege o Sul do

Brasil, quanto da Floresta Amazônica, distante de nós, gaúchos.

Além da recorrente destruição dos ecossistemas terrestres, os ventos de março encontraram o país tomado por queimadas no Norte, Centro-Oeste e Sudeste, criando uma bolha impenetrável de calor no centro do Brasil. Nesse confronto extremo, o calor do Norte e o frio do Sul não puderam se misturar para formar as tradicionais chuvas de março. Em vez disso, março e abril foram meses excepcionalmente quentes e secos.

A chuva que deveria cobrir o Brasil não encontrou espaço para avançar. Empurrada pelos ventos do Sul e bloqueada pelo calor do Norte, acabou caindo sobre nós quando já não conseguia mais se sustentar no céu. Nosso azar, infelizmente, não poderia ter sido evitado por qualquer ação imediata, muito menos por medidas locais. Esse fenômeno vai além do nosso estado, é um problema planetário que nos afeta a todos.

Assim, tanto a seca quanto a posterior enchente derivam menos de fatores climáticos isolados e mais de uma série de movimentos históricos, políticos e sociais que contribuíram para que as águas de março fossem represadas.

No início de maio, a chuva começou a cair e não cessou por três dias

consecutivos. A meteorologia já alertava sobre isso.

Minha esposa e eu havíamos acabado de sair de um apartamento alugado e nos mudamos para nossa primeira casa própria, financiada em uma vida de parcelas. Estávamos imaginando qual seria a cor do quarto da nossa filha, Olívia, que nasceria em agosto, quando as notícias começaram a chegar.

Nosso novo apartamento fica em um prédio antigo no bairro São João, um lugar pacato. Então, pudemos ouvir com nitidez o estrondo de uma explosão em um posto de gasolina duas esquinas abaixo. A água havia chegado lá, e alguém, desesperado para abastecer um barco de pesca, provocou um acidente. Dois mortos carbonizados. Viemos a saber disso depois.

Moramos a quatro quilômetros do rio, mas, em questão de horas, ele já estava a apenas quinhentos metros da nossa porta. Os bairros centrais, como Menino Deus e Cidade Baixa, foram rapidamente inundados. Meus pais moram lá. Com o avanço veloz das águas, convencê-los a sair de casa provocou as primeiras contrações prematuras em minha esposa. Quando finalmente decidiram ir embora, já era tarde para que os carros pudessem chegar até onde estavam. Seis pessoas e

dois cachorros caminharam dois quilômetros até acharem um lugar seco onde puderam chamar um transporte por aplicativo. Caso tivessem demorado mais trinta minutos, seria fatal, pois toda a rua já estaria sob meio metro de água.

No meu apartamento, durante vinte dias, ficamos eu, minha esposa, meus pais e meus irmãos, totalizando seis pessoas e quatro cachorros.

Nos dias seguintes, observamos algumas movimentações diferentes. Estava se formando um ponto de resgate sob o viaduto João Utzig. Fui até lá para saber se precisavam de ajuda. Minha esposa e eu somos formados em Psicologia e acabamos ficando lá pelos próximos quinze dias, até o fim dos resgates.

Segundo a carta escrita pelos voluntários, mais de seis mil pessoas e três mil animais foram resgatados, a maior parte sem qualquer ajuda do Estado ou do município de Porto Alegre, que concentraram seus esforços nos pontos de resgate da Orla do Pontal e da Usina do Gasômetro (Coletivo de Voluntários do Viaduto João Utzig, 2024).

O presente trabalho é composto pela minha vivência nesse ponto de resgate, embasado na ideia de fabulação crítica de Saidiya Hartman (2021). Assim, componho este relato de experiência em

forma de fábula, intercalado por breves trechos dos diários de campo que mantive durante os quinze longos dias em que estive como voluntário do resgate.

O objetivo final é oferecer uma maneira diferente de olhar para essas situações e para as pessoas envolvidas.

Metodologias

Este relato é composto por uma fábula escrita por mim, com base na metodologia descrita por Godoi e Alves (2023). Nessa perspectiva, a fábula não é uma ficção nem uma maneira de dramatizar um fato, mas sim uma forma de dar agência própria aos acontecimentos vivenciados e relatados ao pesquisador.

A partir das noções de fabulação crítica, de Hartman (2021); de episódio, de Kilomba (2020); e de conversação, de bell hooks (2020), entende-se que a realidade é uma produção conversada e que, a partir das trocas, é possível dar forma a um novo modelo horizontal de entrevista. A entrevista baseada na conversação busca justamente a construção de um fato que é discutido de maneira igualitária entre quem pergunta e quem responde, gerando, nessa troca, novos significados.

Essas conversas não seguem uma ordem linear, portanto os significados

precisam ser aproximados para formar um episódio coeso, preservando as mesmas linhas de pensamento expressas na conversa, embora não necessariamente na mesma ordem. Dessa forma, os episódios podem servir como aproximações das situações vivenciadas por diversas pessoas e contadas por elas mesmas.

Por fim, a decisão de não narrar o episódio exatamente como foi contado visa escapar do que Saidiya Hartman chama de “arquivo”, ou seja, da cristalização da história em um relato frio e impessoal. A fabulação busca dar voz àquilo que não teria espaço em um registro historiográfico, alcançando o leitor por caminhos que apenas o texto lírico pode proporcionar.

Dessa maneira, a fábula evita tanto uma idealização da realidade quanto uma falta de rigor metodológico, objetivando horizontalizar a relação entre quem lê e o texto. Sob essa perspectiva, o leitor se torna parte da conversa e pode extrair suas próprias reflexões, tornando essas histórias mais do que procedimentos de pesquisa sobre um objeto inerte e aproximando-as da produção de outro mundo. Como diria Krenak (2019): “[M]inha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história.

Se pudermos fazer isso, adiaremos o fim” (p. 19).

A fábula a seguir deriva da conversa entre mim, minha esposa e alguns membros da equipe de saúde voluntária que trabalhava à noite no ponto de resgate. Os nomes de todas as pessoas foram trocados por pseudônimos para garantir o anonimato. Em conjunto, refletimos sobre tudo aquilo que estávamos vivenciando no dia a dia do desastre.

A fábula está entrecortada por partes do meu próprio diário de campo, como forma de oferecer mais subsídios à provocação que buscamos construir.

Vivências do Resgate

Estou atrasado. Olho para o celular e são onze horas da noite — o webinar durou mais do que eu esperava. Olho pela janela do meu escritório e vejo que cai uma leve garoa. A temperatura marca 14 °C, mas a sensação térmica é muito menor na beira da água. Saio do escritório sem fazer barulho e procuro uma roupa mais quente. Preciso fazer silêncio, pois não há um cômodo da minha casa onde não haja alguém abrigado. Somos seis pessoas e quatro cachorros aqui atualmente. Desço

as escadas apressado e caminho alguns metros até a avenida.

Quando dobro a esquina, preciso ligar a lanterna do meu celular. Há algumas semanas, essa região tinha bastante vida noturna: pessoas fazendo filas nas casas de show e nos bares locais, muita iluminação e barulho. Agora, não há mais ninguém. Somente eu e minha lanterna, que serve apenas para evitar tropeçar em algum buraco na calçada. Caminho na direção do viaduto João Utzig e, ao me aproximar, o silêncio vai, aos poucos, dando lugar ao farfalhar do plástico. Estou quase lá.

Hoje é dia 06/05/2024 e já faz dois dias que minha família está aqui comigo. Ainda não houve uma reorganização do meu trabalho sobre a melhor forma de atuar, as coisas ainda estão caóticas e eu aguardo uma orientação para entender como posso contribuir no trabalho remoto. Estamos sem luz e com racionamento de água. O supermercado próximo ao meu apartamento, no bairro São João, está sustentado por geradores e instalou várias tomadas para que as pessoas possam carregar os celulares. Eu acordo e desço para comprar mantimentos e carregar o celular. Sem luz, nossas únicas fontes de notícias

são os vizinhos e a internet 4G. (Diário de Campo, comunicação particular, 6 de maio de 2024).

O viaduto João Utzig não tem nada que o diferencie de qualquer outro viaduto em qualquer cidade, mas, nos últimos dias, ele se tornou algo completamente novo. Sob a construção, finalmente vejo luz e sinto alívio — “ainda temos energia!” Atravesso a rua e vou caminhando pelo corredor de ônibus. Quanto mais me aproximo das luzes que iluminam o ponto de resgate, mais pessoas aparecem. Algumas caminham em duplas, outras conversam, enquanto algumas fumam sozinhas sob a iluminação precária. Do outro lado da rua, vejo um trio dormindo no chão com alguns cobertores. Estão abraçados e escondidos sob o teto de um posto de gasolina abandonado. Começo a ouvir os latidos e sei que cheguei.

A entrada do ponto de resgate é delimitada por um cordão improvisado, amarrado a cada ponta lateral da parada de ônibus onde estamos acampados. Nos dias anteriores, havia alguém ali anotando nomes, profissões e o tipo de voluntariado, mas já faz alguns dias que não há mais ninguém. Passo por baixo do cordão sem me importar com as figuras sombrias sob a meia-luz. Todos já me conhecem. Eu

conheço quase todo mundo. Vejo que esticaram uma grande lona preta como proteção contra o vento e a garoa. A lona se estende sobre os arcos que formam o telhado das paradas de ônibus.

Vejo mais pessoas deitadas — algumas em colchões, as mais velhas —, mas a maioria está no chão, sobre um pedaço de papelão e enroladas em um cobertor. Essas pessoas estão intercaladas por montanhas de gaiolas e casinhas de animais, a maioria delas quebradas. O caminho está molhado por uma mistura de água da chuva, da enchente, urina e fezes de animais. Estou passando pelo resgate veterinário. O barracão deles é o mais fechado. Quem fica ali me diz que os animais estão assustados e podem morder.

Mas não é só isso. As pessoas não gostam de estar perto do resgate veterinário. A maioria dos animais resgatados ainda está sem seus donos. Nesse momento de caos, sem qualquer organização do Estado, as pessoas resgatadas foram enviadas para o primeiro abrigo que pudesse acolhê-las. Somente dias depois alguém percebeu a importância de registrar esses nomes para que pudessem ser reencontrados. Nesse meio-tempo, diversas famílias foram separadas e, por vezes, apareciam no ponto de resgate tentando buscar informações sobre

seus parentes. A prefeitura de Porto Alegre nunca unificou uma lista de registro nos abrigos. Assim, as pessoas não tinham como saber o paradeiro de seus entes queridos e, frequentemente, perguntavam se alguém tinha visto um irmão, um pai, uma filha.

Os resgates têm se concentrado na região da cidade de Canoas, já que nos bairros Farrapos e Sarandi só permaneceram as pessoas que decidiram ficar nos imóveis. Ainda assim, todos os dias alguns barcos passam por essas regiões chamando as pessoas e avisando que o rio não está recuando. Na ponta do rio, alguns voluntários se organizaram para receber os pedidos de resgate, que chegam por telefone ou diretamente no local. Eles recolhem nome e endereço e repassam aos barqueiros. Essa prática tem sido efetiva, mas tudo está sendo conduzido apenas por voluntários. Esta é mais uma noite em que não vejo nenhuma pessoa vinculada ao Estado ou ao município por aqui. (Diário de Campo, comunicação particular, 8 e 9 de maio de 2024).

Com os animais, a situação era ainda pior. Muitos abrigos recusaram-se a aceitar que as pessoas levassem seus pets,

e algumas delas optaram por dormir nas ruas. Molhados, com medo e ansiosos, os animais passavam as noites gritando. Muitos morreram doentes, já que as medicações disponíveis vinham, em sua maioria, de doações particulares.

Por tudo isso, aquele era um barracão mórbido para mim. Eu não tinha coragem de chegar perto. Alguns dias depois, um dos voluntários que atuava no resgate veterinário conversou comigo sobre a morte de um cachorro que estava tentando salvar. Ele disse que não chorava daquela forma desde a infância.

O barracão vet toma os dois lados do parágrafo, criando um corredor estreito que separa as duas pontas do resgate. Quando atravessado, o campo se abre para uma grande quantidade de pessoas espalhadas por toda a extensão das duas faixas da avenida Benjamin Constant. É como se uma clareira tivesse sido encontrada: se na parte da frente as figuras soturnas e sombrias são intercaladas pelos sons dos animais, aqui as coisas tomam outros contornos. As luzes instaladas em cima do viaduto e nos postes permitem uma visão mais nítida do ambiente.

À minha frente, à direita, está o barracão da saúde, onde costumo ficar mais tempo, pois é onde se concentram as maiores necessidades nas quais posso

ajudar. Essa enorme tenda branca é também subdividida, quase como em uma linha de produção. No lado onde estou (mais distante do rio), ficam as cadeiras e colchões dos voluntários da saúde que estão dormindo aqui — muita gente não descansa e permanece no local 24 horas por dia. Mais à frente, há uma mesa com uma série de caixas etiquetadas e uma menina, que não deve ter mais de vinte anos, sentada à frente. Atrás dela, há uma grande quantidade de caixas de papelão fechadas. A placa acima diz “farmácia”.

Na ponta próxima ao rio, ficam duas macas, cobertores, lençóis e algumas cadeiras de praia. É a área destinada aos primeiros socorros, onde também se reúnem alguns voluntários para comer e conversar.

Ainda no corredor de ônibus, logo ao meu lado, estão alguns banheiros químicos, onde sempre há pessoas aguardando para usar. Até alguns dias atrás, os voluntários podiam utilizar os chuveiros do abrigo instalado em um clube esportivo tradicional da cidade, a poucos metros do ponto de resgate. No entanto, fui informado de que o abrigo passou a restringir o uso apenas para as pessoas que estão alojadas ali. Aparentemente, há mais de cem pessoas abrigadas no local. Dessa forma, os voluntários só conseguem tomar

banho quando alguém permite o acesso. A maioria ainda se recusa a ir para casa.

Depois dos banheiros, há uma tenda menor, feita com lona preta. Dentro dela, há uma mesa dobrável coberta com marmitas embaladas em plástico alumínio, que reluzem à luz dos postes alimentados por geradores. Também há garrafas de água e térmicas com café e chá, que são abastecidas ao longo da noite.

Nas primeiras vezes que estivemos aqui, quatro dias depois da enchente, minha companheira e eu não nos alimentamos. Mas, conforme os dias foram passando, tornou-se mais prático jantar no ponto de resgate. Também era uma maneira de fortalecer os vínculos que estávamos criando. Na madrugada, ainda passavam pessoas distribuindo café e chá em grandes caixas de isopor presas por alças às suas cinturas.

Do outro lado da rua, à minha esquerda, vejo um círculo de cinco ou seis brigadianos conversando. Fico receoso. Nos últimos dias, começaram a chegar muitos policiais militares e forças do Exército por aqui. Eles não foram muito sutis na forma como tratavam o pessoal, chegando ao ponto de uma das lideranças dos resgatistas entrar em uma forte discussão com um coronel, ameaçando iniciar uma briga entre as forças do

Exército e os voluntários. Depois disso, o Exército não apareceu mais para ajudar a organizar, mas pelo menos uma patrulha da brigada passou a estar sempre presente.

Dois dias após essa briga, começaram a aparecer militares fortemente armados todas as noites. Diferentes dos brigadianos que faziam a segurança do ponto de resgate, esses militares afirmavam estar ali para proteger os barqueiros e mergulhadores que entravam na água. Sempre apareciam à noite, vestindo fardas pretas e empunhando rifles enormes com miras telescópicas. Subiam nos barcos, mas não voltavam com os barqueiros. Permaneciam em algum ponto na água durante toda a noite.

Ninguém ousava perguntar por que um rifle com mira telescópica era necessário para a segurança de um pequeno barco de resgate, e os boatos que circulavam eram mórbidos demais para não causar inquietação. Algumas vezes levei a mão ao bolso para tentar tirar uma foto daqueles homens fortemente armados, mas algo me dizia que o risco era grande demais.

Há diversos pontos de resgate pela cidade de Porto Alegre atualmente. Os três maiores são os situados na Usina do Gasômetro, na Orla do Pontal e o resgate da João Utzig, onde estamos. Os dois

primeiros ficam em regiões ricas da cidade, onde a cobertura midiática é constante e, talvez por isso, há um fluxo muito maior de pessoas, além do suporte do Estado e do município.

Já o resgate da Cairú — como ficamos conhecidos — está localizado em uma região empobrecida de Porto Alegre. Embora tenha sua vida noturna, seus bares e lojas, o bairro São João vem sendo abandonado pela prefeitura há décadas. É comum caminhar pelas ruas e ver prédios e lojas fechadas. Além disso, nosso resgate cobre regiões ainda mais vulnerabilizadas da cidade.

Ninguém se importava conosco. Assim, o voluntariado no resgate da Cairú, com poucas exceções, é composto pelos moradores do bairro, que contam ainda com uma grande força social: a Casa de Referência Mulheres Mirabal, que, neste momento, está sob um metro de água em sua parte mais rasa.

Deixo o grupo de policiais de lado e olho para cima. O viaduto já não cobre minha cabeça e sinto a leve garoa se misturando ao vento cortante que vem da água, machucando minhas bochechas. O céu escuro está coberto por algumas poucas nuvens. Peço, para qualquer um que possa escutar, que a chuva não aperte.

Vejo que alguém estendeu uma grande faixa no viaduto com os dizeres: “Vai passar.” Olho para isso e tiro uma foto enquanto procuro minha companheira.

Clarissa e eu somos profissionais da psicologia e estamos fazendo voluntariado juntos. Hoje, no entanto, ela manteve o horário do nosso turno, enquanto eu me atrasei por estar participando de um webinar do Conselho Regional de Psicologia.

A barriga de cinco meses já não esconde que estamos esperando nossa primeira filha, então estou preocupado em deixá-la sozinha no frio desta noite. Na verdade, desde que soubemos da gravidez, eu ando meio com medo de tudo.

Assim que termino a foto, sinto uma mão no meu ombro. É Giovana, uma das coordenadoras daqui. Ela tem grandes olhos verdes e está sempre com um cigarro na mão. Como eu, parece estar na casa dos vinte e poucos anos. Muito tempo depois, perguntei como ela se tornou coordenadora, e ela me respondeu que as pessoas simplesmente começaram a chamá-la assim.

Ela me pergunta como estou e menciona que as coisas estão meio tensas esta noite, pois corre a informação de que uma mulher teria sido estuprada na noite anterior. Isso teria acontecido enquanto

saía do ponto de resgate e caminhava pela escuridão da avenida Benjamin Constant. Por conta disso, havia mais brigadianos no ponto de resgate hoje.

Não foram raras as vezes que tivemos de lidar com a insegurança desse voluntariado noturno. Embora minha companheira e eu nunca tenhamos visto ou escutado nada diretamente, os voluntários viviam em desconfiança sobre o que poderia acontecer. Assim, as histórias corriam: “Alguém foi assaltado anteontem!”, “Tem um pessoal espreitando nas esquinas, esperando alguém sair sozinho!” Como não havia nenhuma centralização de informações nem mesmo uma equipe da prefeitura que pudesse ser considerada confiável, tudo era boato. Tínhamos que escolher em quais acreditar, e hoje era esse.

Penso que as coisas estão começando a sair do controle, já que os resgates de pessoas diminuíram drasticamente há alguns dias. Embora ainda haja um número considerável de pessoas em zonas alagadas e desaparecidas, a maioria se recusa a sair de onde está. À noite, poucas aceitam abandonar suas casas inundadas para embarcar nos barcos, então os resgates, em sua maioria, são de animais.

Se nos primeiros dias a adrenalina das retiradas apressadas consumiu a capacidade cognitiva de todos nós, tornando o voluntariado um grupo coeso e focado no objetivo do resgate, conforme as noites se tornavam um marasmo cortado apenas pela chegada ocasional de um barco, as emoções do primeiro momento começaram a se infiltrar na subjetividade dos voluntários. Foi quando surgiram problemas com os quais a maioria deles não estava preparada para lidar: a própria saúde mental.

Não demorou muito. No primeiro dia em que os resgates diminuíram, já tivemos que lidar com um resgatista em um possível surto psicótico. Ele não dormia havia três dias e se recusava a ir para casa descansar. Dois dias depois, outro resgatista teve um ataque de pânico. Mais tarde, quando o dique do bairro Sarandi rompeu e começaram a circular boatos de que ficaríamos ilhados pelos dois lados, foi a vez de uma das coordenadoras entrar em uma crise de ansiedade.

A partir daí, começaram as desconfianças. Ouvíamos todo tipo de coisa: que havia dezenas de corpos boiando na água; que os resgatistas estavam tendo que amarrar os mortos em postes por não conseguirem transportá-los

nos barcos; que os militares estavam sobre os telhados dos prédios nas zonas alagadas, atirando nas pessoas com suas miras telescópicas para evitar saques.

Voltou a água lá em casa. Fomos ao resgate e soubemos que uma das coordenadoras havia “surtado”, dizendo que, se a barragem da Lomba do Sabão estourasse, a cidade ficaria ilhada. Teve de ir para casa achando que teria um infarto. Enquanto caminhávamos, se fechou uma roda dos coordenadores conversando sobre a situação e afirmando que haveria uma reunião com ela. Temiam que não voltasse ou ajudasse apenas por home office. Falamos que cada um ajuda da forma como pode e que ela poderia nos acionar caso se sentisse confortável. (Diário de Campo, comunicação particular, 13 de maio de 2024).

A prefeitura se apressou em negar essas situações, mas eu vivia em dúvida. Não fazia muito tempo desde a pandemia de covid-19, período em que o Estado efetivamente mentia sobre o número de mortos, a forma de contágio e o avanço da doença. Aliado a isso, a gestão municipal era alinhada ao bolsonarismo, tendo o prefeito Sebastião Melo baseado sua

campanha na figura de Jair Bolsonaro e no tema do “combate ao comunismo”.

Estarmos às margens de um período eleitoral piorava ainda mais a capacidade de articulação política para efetivar os resgates. Como acreditar no poder público nessas circunstâncias?

Meses mais tarde, um dos boatos se provou real, quando uma reportagem revelou que os militares estavam, de fato, atuando na segurança do patrimônio privado, inclusive utilizando os barqueiros e resgatistas para isso sem informá-los.

Depois de me contar sobre esse novo boato, Giovana se afasta. Ela não viu Clarissa. Eu caminho até a beira da água, apenas alguns metros à frente, justamente na encruzilhada das avenidas Benjamin Constant e Dom Pedro II. O rio avançou quatro quilômetros cidade adentro.

Olho para o horizonte e o breu da noite se confunde com a escuridão da água. É como se tivessem colocado uma cortina sobre uma parte do mundo. Quais horrores ocorrem por trás dessa escuridão? Meu coração bate rápido. A fumaça que sai da minha boca sobe e se mistura com a névoa corriqueira da beira do rio.

Esse tipo de situação não me incomoda mais. São tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo que o

atravessamento em uma intervenção é comum. Entendo que a conversa pode ser interrompida dessa forma e continuada na sequência ou em outro momento. Pior seria se evitássemos ou excluíssemos alguém por estar realizando alguma intervenção com outra pessoa. (Diário de Campo, comunicação particular, 17 de maio de 2024).

Uma voz me chamando me tira desses pensamentos. Eu me viro e vejo Patrícia. Outra coordenadora, a principal liderança que temos. Apelidamos ela de Patrícia “McGyver”, por sua habilidade de viabilizar soluções. Ela conseguiu até um ônibus para armazenar as roupas arrecadadas.

Ela me dá um abraço e pergunto sobre minha companheira. Já estou bastante ansioso com o paradeiro dela. Patrícia a viu há pouco, dentro do barracão da saúde. Conta que um dos resgatistas caiu desmaiado na beira da água e teria se afogado na água rasa se não tivesse sido visto por quem aguardava na margem.

Quando o acordaram, ele parecia delirante, não falava coisa com coisa e tentava se levantar para entrar na água novamente, recusando-se a ir embora. Clarissa correu para lá assim que soube da situação, para ver no que poderia ajudar.

Nos apressamos para o barracão da saúde e, nos fundos, Patrícia me mostra uma maca fechada por uma cortina de cobertores para impedir a passagem do vento.

Há uma estudante de farmácia, alguns voluntários da alimentação e do transporte solidário e um técnico de enfermagem. Na maca, um jovem branco balbucia palavras inaudíveis. Está envolto em dois cobertores e todas as suas roupas molhadas foram jogadas sobre uma cadeira quebrada.

Clarissa está de pé ao lado da maca. Pergunto como estão as coisas, mas ela também não sabe dizer. Estava conversando com um dos barqueiros quando foi chamada por conta de um voluntário que se recusava a descansar — algo que era muito comum. Então, encontrou o rapaz naquele estado.

Perguntamos, mas nenhum dos presentes sabe quem é esse menino, onde mora, quem são seus parentes, nem mesmo seu nome. O controle de entrada não é feito há alguns dias.

Uma das jovens nos diz que ele estava agitado e delirante, então lhe deram um calmante para que dormisse algumas horas antes de voltar para casa sozinho.

Tamanha precariedade pode causar indignação no leitor quanto à nossa

atuação enquanto profissionais, mas, naquele momento, éramos apenas mais dois voluntários tentando ajudar no que podíamos.

Mais de mil pessoas passaram por aquele local como voluntárias, além das mais de cinco mil resgatadas e das dezenas que ficaram acampando nas adjacências.

Sabíamos que a situação estava longe da ideal e que aquilo poderia rapidamente se tornar perigoso e insustentável, mas, quando a noite caía, as instituições recolhiam seus professores e estagiários, as câmeras de TV se desligavam e a maioria das pessoas se despedia. Essa era a hora em que mais precisavam de ajuda.

Como poderíamos ir embora também, se morávamos a poucos metros dali?

Depois, soubemos que uma das principais estratégias dos resgatistas e barqueiros para se manterem na água por longos períodos era o uso de destilados, tendo em vista que aumentam a sensação de calor corporal. Alguns tomavam riscos ainda maiores e utilizavam cocaína ou rebite para contrabalançar os efeitos do álcool e se manterem alertas. Mais tarde, soubemos que essa prática era comum durante as madrugadas, principalmente depois que os profissionais e entidades se

retiravam. Isso explicava por que aquele rapaz quase se afogou.

Clarissa pergunta se ele tomou alguma medicação depois que saiu da água. Uma das voluntárias conta que ele tentou retornar após acordar. Estava irredutível, parecia até delirante e não aceitava conversar com ninguém. Alguém achou que era um caso comum de falta extrema de sono e lhe deu um calmante para que, ao menos, dormisse ali.

Já é quase uma hora da manhã. O último médico que esteve no local foi embora há mais de seis horas. Clarissa coloca as mãos no rosto do homem e sente que está gelado. Pede por um termômetro e observa a temperatura caindo rapidamente. Eu estou mais afastado, mas entendo o que está acontecendo. Aquele menino está morrendo.

O homem na maca continua tremendo e nos dividimos em tarefas. Há uma menina comigo, estudante de farmácia. Estamos procurando nas roupas do rapaz algum documento de identificação ou informação de alguém que o conheça, para que possamos informar o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). Patrícia está no celular, ligando para a emergência. Clarissa correu até o posto de alimentação para pegar água

quente. O técnico de enfermagem continua medindo a temperatura.

Encontramos um documento de identidade e um celular trancado por senha. Pelo menos agora temos alguma informação para que esse rapaz possa ser encontrado. O nome dele é Luís.

Patrícia diz que o Samu se recusa a vir, alegando que o caso não é de emergência. Nossa coordenadora não entende nada de saúde, pois é promotora de eventos, então pede para que eu ou Clarissa retornemos a ligação.

Pego o celular, mas vejo que Clarissa já voltou com bolsas térmicas e as coloca sob os braços de Luís, que segue tremendo intensamente. Passo o celular para ela e decido ir com Patrícia pedir ajuda aos brigadianos.

O desespero é difícil de controlar, até mesmo para explicar a situação. Os policiais mandam um rádio ao comando perguntando se podem realizar o deslocamento e recebem uma negativa. Um deles se exalta, dá alguns passos à frente e diz que o trabalho é do Samu, nos afastando.

Quando voltamos, ouvimos o que Clarissa diz. Ela escolhe bem as palavras e as coloca com a calma que eu não tive. Usa seus anos de experiência no atendimento de pessoas que fazem uso

abusivo de substâncias: um jovem sob o efeito do álcool foi medicado com calmantes e sua temperatura está caindo drasticamente.

Tememos que ele possa ter uma parada cardíaca nos próximos minutos e precisamos urgentemente de primeiros socorros.

O álcool é um depressor do sistema nervoso central. Para cortar esse efeito e continuar trabalhando, muitos recorrem a estimulantes como cocaína e rebite. Essa combinação já é extremamente prejudicial ao corpo a médio e longo prazo, mas, misturada a calmantes, pode levar ao colapso total do sistema nervoso, causando morte por parada cardiorrespiratória.

Depois que a ligação termina, tentamos de todas as formas manter Luís aquecido. Ao mesmo tempo, procuramos evitar o pânico e explicar, com calma, o que está acontecendo.

Não se forma uma multidão ao nosso redor. As pessoas só sabem do ocorrido quando os paramédicos chegam, dez minutos depois. Eles envolvem Luís em um cobertor térmico prateado e o levam para a ambulância. Seus olhos e lábios já estão roxos, mas ele ainda está vivo.

Luís tem dezenove anos. Teria morrido sozinho, em uma maca

improvisada, em um lugar onde ninguém sabia seu nome. Quando ele vai embora, nos sentamos todos no primeiro espaço que encontramos. Patrícia está caminhando de um lado para o outro, muito irritada, repetindo para si mesma que já havia dito que era proibido levar álcool para o ponto de resgate.

A estudante de farmácia está ao meu lado. Vejo que ela está chorando, assustada. Eu lhe dou um abraço. Ninguém se acusou, mas tenho quase certeza de que foi ela quem ofereceu o calmante. Não consigo responsabilizá-la. Não havia mais ninguém ali para cuidar daquela montanha de remédios vindos de doações. A prefeitura não enviou ninguém para organizar isso, muito menos o Estado.

O céu continua escuro, o som da água quebrando o silêncio sepulcral que se seguiu. Lá fora, apenas o breu da imensidão que é o rio. Nessas incertezas devastadoras que marcaram os dias no ponto de resgate, olho para esse vazio e penso em todos que não conseguimos ajudar, em todas aquelas pessoas que ainda estão lá dentro, na água, sobrevivendo na escuridão da noite.

Não apenas o rio, mas essa enxurrada de tragédias constantes desde 2020 nos rouba qualquer mínima certeza,

torna turvo o chão no qual pisamos e me faz sentir completamente desamparado.

Clarissa segue conversando com [voluntária], e a solidão me assusta. Todos estão conversando com alguém, mas agora estou sozinho e fico ansioso com isso. Acho que só consegui estar ali todo esse tempo porque Clarissa estava comigo e podíamos compartilhar nossos receios sem nos destruir. Mas afasto os pensamentos, fico com minha solidão e começo a caminhar pelo resgate. Observo calmamente cada pequeno detalhe: a amarração das tendas, os nomes nos ônibus, as placas sendo retiradas, as risadas e os choros nas pequenas rodas de conversa. Me perco nesse território como se submergisse. Não percebo, mas paro na beira da água, olhando para o imenso vazio escuro. Olho para os lados e vejo que, há alguns dias, centenas de pessoas e dezenas de barcos estavam ali. Agora, está vazio. À minha frente, apenas um barqueiro observa a escuridão. Acho a imagem perfeita e bato uma foto. Vou até ele, mostro a foto e pergunto se posso guardá-la para o meu projeto ou se prefere que eu apague. Ele diz que posso usar, desde que seu rosto não apareça. Como está de costas, está tudo bem. Pergunto se quer que eu lhe

envie uma cópia, mas ele recusa. Entendo que ele quer ficar sozinho com a escuridão e o deixo. (Diário de Campo, comunicação pessoal, 18 de maio de 2024).

Dias depois, vemos Luís novamente. Não o deixam mais entrar na água, e descobrimos que ele mora com o pai e tem diagnóstico de esquizofrenia. Ele veste um belo terno preto, contrastando com a roupa de todas as outras pessoas na beira da água. Como não pode entrar na água, ele ajuda na distribuição de roupas. Pergunto se permite que eu o entreviste depois que tudo isso acabar, e ele concorda com um belo sorriso.

É mais uma noite no ponto de resgate. Olho para o rio e alguém toca meu ombro.

Referências

Coletivo de Voluntários do Viaduto José Eduardo Utzig. (2024). Carta do coletivo de voluntários que atuou no resgate de pessoas e animais no Viaduto José Eduardo Utzig. *Sul21*. [https://sul21.com.br/opinia0/2024/05/carta-do-coletivo-de-voluntarios-que-atuou-no-resgate-de-pessoas-e-](https://sul21.com.br/opinia0/2024/05/carta-do-coletivo-de-voluntarios-que-atuou-no-resgate-de-pessoas-e-animais-no-viaduto-jose-eduardo-utzig/)

[animais-no-viaduto-jose-eduardo-utzig/](https://sul21.com.br/opinia0/2024/05/carta-do-coletivo-de-voluntarios-que-atuou-no-resgate-de-pessoas-e-animais-no-viaduto-jose-eduardo-utzig/)

Godoi, G. A., & Alves, M. C. (2023). *Encontrando meu corpo: diálogos entre negritude, saúde e descolonização* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Hartman, S. (2021). *Perder a mãe: Uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

hooks, b. (2020). *Ensinando o pensamento crítico: Sabedoria prática*. São Paulo, SP: Editora Elefante.

Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó Editora.

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Gabriel Alves Godoi. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2804-4817>.

E-mail: gabrielgodoi.psi@gmail.com

Submetido em: 07/03/2025

Aceito em: 10/03/2025
